

Dr. Roger Green, Reforma até o presente, Aula 20, Protestantismo do século XX^{com} foco em Karl Barth

© 2024 Roger Green e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Roger Green em seu curso de história da igreja, Reforma até o presente. Esta é a sessão 20, Protestantismo no século XX, Karl Barth.

Eu gosto de, você sabe, é sexta-feira. Então, sexta-feira é um pouco, eu não sei, um pouco devocional ou apenas uma pequena leitura para nos fazer, colocar nossas mentes no que estamos falando. E porque estamos dando uma palestra sobre Carl Barth, e eu mencionei que Barth, e aqui eu tenho isso aqui, Barth foi o formador, escritor, formador do que foi chamado de Declaração de Barman em 1934. E a Declaração de Barman foi uma declaração da Igreja Confessante para declarar sua fé à luz da situação da Alemanha nazista.

E qual é o coração da fé cristã, no que nos diz respeito? Era como traçar uma linha na areia e dizer, de que lado você vai ficar? Você vai ficar do lado do evangelho? Ou você vai ficar do lado de uma igreja nazizada? Onde você vai ficar? Então, eu disse, bem, você sabe, eu meio que pensei, bem, eu vou fazer isso. Vou ler apenas algumas seções da Declaração de Barman para nosso pequeno devocional aqui esta manhã. Então, ok, a seção cinco é, e nós voltaremos à seção cinco também.

Então, uma razão pela qual estou lendo é para ter um pouco de contexto sobre o que falaremos mais tarde. A seção cinco é, Temei a Deus, Honrai ao Imperador, 1 Pedro 2.17. As escrituras nos dizem que no mundo ainda não redimido em que a igreja também existe, o estado tem, por nomeação divina, a tarefa de prover justiça e paz. Ele cumpre essa tarefa por meio da ameaça e do exercício da força de acordo com a medida do julgamento humano e da capacidade humana.

A igreja reconhece o benefício dessa nomeação divina em gratidão e reverência diante dele. Ela traz à mente o reino de Deus, o mandamento e a justiça de Deus e, portanto, a responsabilidade tanto dos governantes quanto dos governados. Ela confia e obedece ao poder da palavra pela qual Deus sustenta todas as coisas.

Rejeitamos a falsa doutrina como se o estado, além de sua comissão especial, devesse e pudesse se tornar a ordem única e totalitária da vida humana, cumprindo assim também a vocação da igreja. Rejeitamos a falsa doutrina como se a igreja, além de sua comissão especial, devesse e pudesse se apropriar das características, das tarefas e da dignidade do estado, tornando-se ela própria um órgão do estado. Agora, isso é muito importante.

Voltaremos a isso mais tarde. Mas deixe-me ler o sexto parágrafo em termos desta confissão. O número seis é: Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos

tempos, Mateus 28.20, e a palavra de Deus não está acorrentada, 2 Timóteo 2:9. A comissão da igreja sobre a qual sua liberdade é fundada consiste em entregar a mensagem da livre graça de Deus a todas as pessoas no lugar de Cristo e, portanto, no ministério de sua própria palavra e obra por meio do sermão e do sacramento.

Rejeitamos a falsa doutrina como se a igreja, em arrogância humana, pudesse colocar a palavra e a obra do Senhor a serviço de quaisquer desejos, propósitos e planos escolhidos arbitrariamente. O sínodo confessional da Igreja Evangélica Alemã declara que vê no reconhecimento dessas verdades e na rejeição desses erros, a base teológica indispensável da Igreja Evangélica Alemã como uma federação de igrejas confessionais. Ele convida todos os que são capazes a aceitar sua declaração e estar atentos a esses princípios teológicos em suas decisões na política da igreja.

Ela roga a todos a quem interessa que retornem à unidade da fé, do amor e da esperança. Então, era isso que a Declaração de Barman pretendia ser, e se tornou bem explosiva em certo sentido. Quero dizer, ela realmente era a linha na areia destinada a fazer isso e dizer quem vai ficar do lado do evangelho e quem não vai.

Vamos deixar isso claro. Então, há coisas bem fortes aqui para a Declaração de Barman. Certo.

Então, o que fizemos aqui foi a palestra 10, página 14, um esboço biográfico de Karl Barth, e agora estamos prontos para passar para o número B, teologia. Há alguma pergunta sobre sua vida, no entanto, o esboço biográfico que demos outro dia? Há algo sobre a vida de Karl Barth que você ainda esteja se perguntando sobre questionar? Nós apenas demos uma visão geral. Fazemos isso com talvez quatro ou cinco pessoas no curso que são pessoas quintessenciais.

Certo. Hoje, vamos para a teologia e apenas para o contexto da teologia, e então entraremos em certas eras teológicas de Karl Barth. O que Barth acreditava era que o liberalismo protestante era fundamentalmente falho.

Ele acreditava que o liberalismo protestante era fundamentalmente errôneo. Agora, mencionamos outro dia, quando falamos sobre sua biografia, que ele foi criado nisso. Esse foi seu treinamento.

E agora, em parte como resultado da Primeira Guerra Mundial, e em grande parte como resultado da abertura da Bíblia, ele sente que há uma falha fundamental aqui, e há um problema fundamental com a teologia cristã, e ele deseja meio que afastar a teologia do liberalismo protestante. Agora, no que lhe diz respeito, sob este primeiro ponto de contexto, a palavra aqui é acomodação. No que lhe diz respeito, a teologia protestante se acomodou à cultura mais ampla.

Ele vai desafiar essa acomodação para a cultura mais ampla. É isso que ele vai, é isso que ele vai enfrentar. Então, duas áreas dessa acomodação que vamos mencionar, então deixe-me mencioná-las aqui no fundo.

Uma área da acomodação é uma espécie de atitude positiva, em certo sentido, em relação à ciência, à cultura, à arte, uma atitude positiva em relação à teologia natural, uma atitude positiva em relação a esse tipo de elementos culturais, sem nenhum julgamento sobre a ciência, sem nenhum julgamento sobre o mundo da cultura e o mundo da arte. E ele critica esse tipo de atitude muito positiva, que veremos quando entrarmos em sua teologia. Então, ele sente que esse é o caminho errado para seguir teologicamente.

É assim que a teologia protestante tem sido desde Schleiermacher, e nós seguimos o caminho errado aqui. Então, essa é uma área em que ele se torna bastante crítico, e veremos isso quando falarmos sobre sua teologia. Uma segunda área em que ele se torna crítico é essa ênfase liberal protestante no sentimento, essa ênfase liberal protestante no que ele frequentemente se refere como misticismo ou sentimentos religiosos, ênfase nos sentimentos, esse tipo de religião experiencial a que Schleiermacher nos levou.

E ele realmente condena isso porque essa não é a religião da Bíblia, no que lhe diz respeito. Não é para isso que Deus nos chama. Então, qualquer coisa que tenha a ver com sentimento, emoção ou experiência, quando se trata do protestantismo e de viver a vida cristã, ele não está feliz com isso.

Então, ele meio que condena isso. Portanto, o que ele quer fazer é trazer a teologia de volta à teologia da Reforma. Ele descobre que os melhores intérpretes da Bíblia, os melhores, os mais fortes intérpretes da Bíblia que tivemos, são pessoas da Reforma.

Então, é Lutero, especialmente Calvino, e outros. Então, ele olha para a Bíblia, e então ele diz, bem, como vamos interpretar a Bíblia? Bem, os melhores intérpretes da Bíblia foram os Reformadores. Vamos voltar para a Reforma.

Vamos fundamentar nossa teologia na doutrina da Reforma. Vamos fazer isso agora. É isso que precisamos fazer como protestantes.

Essa é a batalha em que ele estava envolvido. Então, às vezes, o movimento é chamado de Neo-Ortodoxia. Eu coloquei isso? Eu não coloquei isso aqui.

Às vezes, o movimento que ele ajuda a começar, em certo sentido, é chamado de Neo-Ortodoxia ou Nova Ortodoxia. Agora, por Nova Ortodoxia, ele está falando sobre a Ortodoxia da Reforma trazida para o século XX, mas isso é Neo-Ortodoxia. Algumas pessoas veem isso como um bom título.

Algumas pessoas usam o título de forma depreciativa. Quer dizer, usamos rótulos para as pessoas apenas para identificá-las no lugar e no tempo. Então, dissemos que Schleiermacher é o pai da teologia liberal.

Bem, um dos formadores da teologia neo-ortodoxa é Karl Barth. Então, esse é só o número um. Esse é o pano de fundo.

É por isso que isso é tão importante aqui. Acho que Ted e eu estávamos falando sobre isso outro dia, mas quando alguém me diz, oh, eu nunca li Karl Barth. Ele era tão liberal.

Essa frase nem faz sentido quando alguém diz isso. Ele é tão liberal. Eu não leria ele.

Isso nem faz sentido porque a própria coisa contra a qual ele lutou foi o liberalismo protestante. A própria coisa que ele sentia que estava colocando em risco a fé cristã era o liberalismo protestante clássico. Então, ele lutou contra isso, e resistiu ao liberalismo de uma forma bem notável.

Certo. Alguma coisa sobre esse material de fundo? Isso meio que nos dá uma ideia do porquê ele foi para onde foi. Certo.

Vamos fazer o número dois, então, a transcendência de Deus. Tudo bem. Agora, o liberalismo protestante enfatizou a continuidade entre Deus e nós.

Há uma continuidade. Há uma conexão entre Deus e nós. E o conector, em certo sentido, para isso era Jesus.

E assim, Jesus se torna o homem que, para Schleiermacher, é tão cheio da consciência de Deus que queremos ser como Jesus. Não importa, ele não era Deus, mas ele certamente era cheio da consciência de Deus. Então, queremos ser como Jesus.

Jesus é o conector entre Deus e nós. Então, o que o liberalismo protestante clássico fez foi enfatizar esse grande tipo de continuidade. Tudo bem.

Agora, Karl Barth vem e diz, bem, é claro, você entendeu tudo errado. A Bíblia não é uma palavra de continuidade. A Bíblia é uma palavra de descontinuidade entre Deus e nós.

Deus é totalmente outro. Agora, você pode fazer um jogo de palavras com isso. Deus é totalmente outro, SANTO.

Ele é totalmente outro. Ou você pode dizer que Deus é totalmente, TOTALMENTE. Ele é totalmente ou inteiramente outro.

Mas para Karl Barth, esse negócio de falar sobre Deus como meu bom companheiro, meu bom amigo, é Jesus e eu, esse tipo de coisa, isso estava fora de questão para ele. Deus é totalmente outro. Ele é totalmente outro.

E há uma descontinuidade entre nós e Deus. Não uma continuidade, como o liberalismo protestante tem nos dito, mas uma descontinuidade entre nós e Deus. Então, quando se trata da transcendência de Deus, seu argumento é que o liberalismo protestante ensinou às pessoas que elas têm que trabalhar para chegar a Deus porque há essa continuidade.

Então, você vai conseguir trabalhar seu caminho até Deus. Você vai conseguir trabalhar seu caminho até a presença de Deus, talvez por sentimentos, talvez por experiência, talvez por algum tipo de conhecimento. Mas Karl Barth disse que isso é impossível.

Você não trabalha seu caminho até esse Deus transcendente. No que diz respeito a Barth, sua atitude diante do Deus transcendente é de pecaminosidade, desamparo e fraqueza. E é somente quando você se entende dessa forma que Deus pode romper em sua vida e ajudá-lo.

Então, o que ele está fazendo é, quando ele está falando sobre a transcendência de Deus, ele está enfatizando, em certo sentido, todas as virtudes que ele acredita que a Bíblia fala em termos desse desamparo e fraqueza e assim por diante, e confiar em Deus para romper em suas vidas. Nem todo esse tipo de conversa liberal é sobre como você pode chegar a Deus por sua própria força, por seu próprio conhecimento, por sua própria experiência. Aqui está como você pode chegar a Deus.

Então, não é continuidade, é descontinuidade. Não é iminência; é a transcendência de Deus. Então, ele está vendo Deus de uma forma totalmente diferente, em certo sentido.

Agora, o que ele diz é que Deus não é um objeto a ser compreendido. Deus não é um objeto a ser apreendido por nosso conhecimento, sentimentos, emoções, experiências ou o que quer que seja. Ele não é um objeto.

Ele sentiu que muito do cristianismo liberal estava muito errado, como se você pudesse compreender Deus. Deus é um sujeito, não um objeto. Ele é um sujeito.

Deus é quem fala. Deus é quem se dirige a nós. E então cabe a nós tentar entender essa palavra que ele nos dá.

Mas ele não é um objeto que podemos conhecer por conhecimento racional ou por experiência ou algo assim. Além disso, quando se trata da transcendência de Deus, é aqui que, em certo sentido, Barth entra na questão cultural. E quanto ao nosso relacionamento com a cultura mais ampla? E quanto à cultura mais ampla em que vivemos? E quanto à ciência? E quanto ao mundo da ciência ou o mundo da arte, o mundo da história, ou o mundo do tipo de conhecimento intelectual, e assim por diante? E quanto a isso? Bem, para o cristianismo liberal, Deus era uma espécie de santo padroeiro da cultura.

Deus era gentil, aquele que abençoa culturas e assim por diante, não para Karl Barth. Para Karl Barth, Deus é o juiz de todas as culturas.

Então, a menos que as pessoas pensem que Deus está julgando apenas os nazistas e a Alemanha nazista, elas estariam erradas porque Deus julga todas as culturas. Porque todas estão, em algum sentido, em desobediência a Deus. E assim, todas as culturas estão sob o julgamento de Deus.

Agora, a Alemanha nazista aconteceu de ser o tipo extremo de exemplo, é claro, por causa de sua maldade e sua desumanidade e assim por diante, que Deus julgaria isso. Mas Deus julga todas as culturas. Não há cultura que seja de alguma forma abençoada por Deus.

Então, ele não é um santo padroeiro, mas ele é o juiz. Ok, então você não está surpreso que a teologia de Karl Barth começa com essa compreensão da transcendência de Deus, começa com uma compreensão da natureza de Deus. Se não conseguirmos entender isso direito, nada mais ficará claro.

Temos que deixar claro para Karl Barth o nosso entendimento de quem Deus é. Então, a transcendência de Deus. Estou tentando explicar Barth para você.

Não estou tentando vender Barth para você necessariamente. Você pode concordar ou discordar. Você pode ter pontos de... E isso é verdade com todas as pessoas que estudamos.

Não estou tentando vender isso a você porque você precisa moldar sua própria teologia e seu próprio pensamento. Mas há alguma pergunta sobre a transcendência? Você entende por que ele teve que lidar com isso, por que era tão importante à luz de onde a teologia protestante tinha ido, e por que ele teve que lidar com isso dessa forma porque ele sentiu que essa era a revelação bíblica de Deus. Ele sentiu que é isso que você encontra na Bíblia.

Certo, a transcendência de Deus. O número três é o pecado, o pecado do homem. Certo, agora que pecado... Primeiro de tudo, em certo sentido, ele é como Reinhold Niebuhr.

Mencionamos Reinhold Niebuhr em uma palestra anterior, mas Niebuhr disse que o pecado original é a mais empírica de todas as doutrinas. Então, se você quer ver uma doutrina que você pode ver todos os dias, se você quer conhecer uma doutrina que você pode ver todos os dias, que você pode quase tocar e sentir, é a doutrina do pecado original. Bem, Barth não usou bem essa frase, mas ele certamente acreditava nisso.

Então, desde a queda, a humanidade tem estado sob o domínio do pecado, no que diz respeito a Barth. Ele sentiu que viu isso na Bíblia. Então, desde a queda, temos estado sob o domínio do pecado.

E o que o pecado fez, quero dizer, é que até mesmo nossas capacidades naturais ainda estão sob o domínio do pecado. Até mesmo nossas capacidades naturais, em outras palavras, ele é como Aquino, como Agostinho. Em nossa queda, nossas capacidades naturais não foram totalmente eliminadas.

Se nossas capacidades naturais fossem eliminadas, não seríamos capazes de raciocinar; não seríamos capazes de pensar, e não seríamos capazes de acrescentar e fazer por. Mas nossas capacidades naturais não são eliminadas, mas são severamente prejudicadas. Elas são severamente pervertidas, no que diz respeito a Barth. Então, aqui estamos em nossa pecaminosidade, em nossa rebelião contra Deus.

E o que isso fez? Qual é o fim final disso? Bem, isso criou uma cunha entre nós e Deus. Então, criou uma estaca entre nós e Deus. É uma linha na areia: Deus está de um lado, e nós estamos do outro.

É isso que o pecado fez. Esse é o resultado do pecado. Estamos vivendo essa vida pecaminosa e rebelde na qual não amamos a Deus, mas o odiamos.

E então, ele disse, esse é o resultado disso. Então, agora, é por isso que é impossível, portanto, como a teologia liberal ensinou, é por isso que é impossível fazer seu caminho até Deus. Você não tem capacidade de fazer seu caminho até Deus.

Você não tem capacidade de se colocar no favor de Deus pelos seus sentimentos, pelas suas emoções, por seguir a lei, por ser uma boa pessoa moral, ou pela razão, pela sua capacidade de raciocinar, de pensar. Você não pode se colocar no favor de Deus, você não pode se colocar, você não pode colocar Deus como se ele lhe devesse algo, porque somos pecadores, estamos em rebelião contra Deus. Então, todas as tentativas de encontrar Deus são agora impossíveis para ele, para Barth.

Certo? E isso inclui nossas conquistas culturais, mas também inclui, desculpe, também inclui, opa, não, pensei que tinha a palavra teologia natural, talvez não.

Certo. Inclui todas as nossas conquistas culturais, que achamos tão grandiosas, maravilhosas e perfeitas.

E lembre-se, Barth era um amante de Mozart. Lembre-se, Barth amava música, amava Mozart. Ele era um especialista em Mozart.

Então, não é como se algumas de nossas realizações não tivessem nenhum significado. Você simplesmente não pode dizer que nossas realizações são maneiras de se aprovar diante de Deus, só isso. E então ele também escolheu, e eu não escrevi, pensei que escrevi, mas teologia natural.

Lembre-se, nós falamos sobre teologia natural antes no curso. Então, pessoas que confiam na teologia natural, você olha para o mundo natural, você olha para o mundo ao nosso redor, e você pode fazer algumas deduções sobre Deus e sobre a natureza de Deus. Tudo bem? E, claro, o liberalismo protestante clássico realmente confiava na teologia natural ao invés de alguma teologia especial revelada em Cristo.

Barth disse, não, teologia natural, você não pode confiar na teologia natural para fazer quaisquer deduções sobre Deus. Como você vai deduzir Deus da teologia natural? E como você vai deduzir os atributos de Deus da teologia natural? Uma teologia natural, aonde isso vai te levar para Barth? Quero dizer, está um lindo dia lá fora, com certeza. E você pode tirar, talvez você esteja tirando algumas conclusões sobre Deus ao olhar para aquele lindo dia.

Deus é um Deus de ordem, paz e harmonia. Supondo que houvesse um tsunami vindo em nossa direção, e 100.000 pessoas seriam exterminadas pelo tsunami, então onde está sua teologia natural? O que você vai pensar sobre Deus então? É isso que Deus faz? Ele extermina pessoas por um tsunami, 100.000, 200.000 pessoas por um tsunami, extermina cidades inteiras, e assim por diante. Então, se você vai confiar na teologia natural, o que você vai deduzir sobre Deus? Bem, sua dedução é que você vai deduzir que Ele é um Deus caprichoso, um Deus cruel.

Então, a teologia natural é uma maneira de entender Deus, e isso está fora de questão para Barth. Agora, para encurtar a história, um dos grupos que se baseou fortemente na teologia natural foi o catolicismo romano, desde São Tomás de Aquino. Agora, Barth não é, e eu não acho que ele esteja apenas pegando no pé dos protestantes.

Ele também está pegando no pé dos católicos. Ele não respeita as pessoas quando decide, e eu tenho que desafiar a teologia conforme ela surgiu nos séculos 19 e 20. Ok, então pecaminosidade.

Agora, a questão é com a pecaminosidade, ele não colocou dessa forma, mas eu coloquei dessa forma, mas a questão é, essa é uma mensagem contracultural?

Quando falamos sobre a pecaminosidade da humanidade, a pecaminosidade da humanidade, estamos em rebelião contra Deus. Nenhuma de nossas realizações culturais vai nos aprovar diante de Deus. Não entenderemos Deus por meio da teologia natural, mas essa é uma mensagem contracultural? Agora, ele não usou esse termo, mas a resposta para isso é absolutamente: essa é uma mensagem contracultural.

Estamos falando de pecado aqui. Estamos falando de rebelião contra Deus. No mundo geral em que vivemos, eles estão falando de pecado ou rebelião contra Deus? Não, eu estou bem, e você está bem.

É disso que eles estão falando. Eu estou bem, e você está bem. Eu estou bem, você está bem.

Eu faço o que acho que é bom fazer, e você faz o que acha que é bom fazer. Veja, Bart, ele não comprou isso. Então, somos pecadores.

Certo, alguém quer falar sobre pecado aqui? Falar sobre pecado? Tem algum pecador por aí? Certo, tudo bem. Agora, o número três, quero dizer, o número quatro na sua lista é Jesus Cristo. Jesus Cristo.

Certo, onde estamos com Jesus? Observe que coloquei isso como terceiro, coloquei isso meio que no centro de sua teologia, Cristologia. Certo, agora, se há uma descontinuidade entre Deus e nós, se há uma lacuna enorme entre Deus e nós, e se somos incapazes de nos mover em direção a Deus e alcançar Deus, então o que Deus decidiu fazer, em sua graça, Deus decidiu romper em nossas vidas. A única revelação verdadeira de Deus é Jesus.

A única revelação verdadeira de Deus é Jesus. O único tipo verdadeiro de comunicação de Deus é Jesus. Certo, isso nos leva ao capítulo favorito de Bart na Bíblia.

Então, deixe-me dar a você. É João 1, você saberá disso, é João 1:1 a 18. Então, o prólogo do Evangelho de João, João 1:1 a 18.

Alguém tem o Evangelho de João com o Dr. Hunt? Você tem agora? Certo, então você provavelmente já passou do prólogo. E você? Você está no capítulo 6. Certo, diga a Steve que já temos três semanas restantes no curso, três semanas completas, três semanas de segunda, quarta e sexta restantes no curso. Certo, bem, apenas lembre-o disso. Então, você já fez o prólogo.

Bem, este prólogo é bem incrível. Não vamos perder tempo lendo, mas há um verso que é muito importante. Então, você precisa anotar isso e ler com bastante cuidado.

É João 1:14. Certo, João 1:14 é muito, muito importante para Karl Barth. Certo, e o que João 1:14 diz? O Verbo se fez carne e habitou entre nós.

Nós contemplamos a sua glória. A glória é do Filho unigênito do Pai . O Verbo se fez carne e habitou entre nós.

Agora, Barth tinha uma frase para esse versículo. Ele a chamou de teologia em poucas palavras, teologia em poucas palavras. No que dizia respeito a Barth, essa era a mensagem bíblica, João 1:14 .

O resto da Bíblia é um comentário sobre João 1:14. Este é o centro do texto bíblico para Barth, João 1:14, teologia em poucas palavras. Portanto, agora estamos apenas tentando explicar Barth aqui, mas se este é o centro da mensagem bíblica, isso significa que a doutrina central da igreja cristã é a doutrina da encarnação.

Então, a doutrina central da cristandade é a encarnação. O Verbo se fez carne, Deus se fez carne. Todo o resto, no que diz respeito a Barth, flui da doutrina da encarnação.

A doutrina da encarnação é o começo e o fim. É João 1, 14. É teologia em poucas palavras, e é realmente muito incrível.

Certo. Então, em Jesus, vemos a graça de Deus em Cristo. Nós a vemos completamente.

Nós vemos isso completamente. Nós vemos isso do começo ao fim. Nós vemos a graça que nos salva.

Deus rompe nossa pecaminosidade e nos redime, e nos salva. Certo. Agora, deveríamos dizer bem rápido aqui, mas isso é romper nossa pecaminosidade. A maneira de Barth falar sobre isso é o triunfo da graça.

Este é o triunfo da graça. Então, para Karl Barth, o que isso significava era que a graça de Deus é mais forte que o nosso pecado. A graça de Deus é mais poderosa que o pecado da humanidade.

Então, a graça de Deus rompe nossa pecaminosidade, e Deus nos redime. Agora, aqui está a maneira como ele disse isso. O sim de Deus é mais forte que o nosso não.

O SIM de Deus é mais forte que o nosso NÃO. Em nossa pecaminosidade, estamos dizendo não a Deus, mas para Karl Barth, o sim de Deus vai sobrepujar esse não. Você não pode dizer não a Deus, em última análise.

Certo. E como Lutero, ele acreditava que ainda vivemos como pecadores. Ainda há essa justificação de Deus na minha vida, mas ainda sou um pecador na minha vida porque ainda estou realizando atos de rebelião contra Deus.

Mas eu faço isso estando sob a justificação de Deus, no entanto. Então, ele é muito parecido com Lutero nesse sentido. Certo.

Então, qual é a nossa resposta aqui? Qual deve ser a nossa resposta? Qual deve ser a resposta das pessoas? Nossa resposta deve ser totalmente dependente da graça de Deus. Somos totalmente, totalmente, 100% dependentes da graça de Deus, o que, para Barth, significa que não somos dependentes de obras. Não somos dependentes de boas ações.

Não somos dependentes de experiência. Não somos dependentes de bons sentimentos. Somos dependentes somente.

Nós nos lançamos somente à mercê de Deus, e somos totalmente dependentes de sua graça. A questão aqui é: Barth era um universalista? A questão aqui é: Barth acreditava que todas as pessoas seriam salvas pela graça de Deus? Porque a graça de Deus é mais forte que o nosso... O sim de Deus é mais forte que o nosso não. A graça de Deus é mais forte que a nossa pecaminosidade.

Então, a questão é: Deus vai redimir todo mundo? Esse é o fim da história? A graça de Deus vai redimir todo mundo? Bem, ele realmente não responde a essa pergunta. Essa é realmente uma questão meio em aberto. Eu ouvi a história, mas provavelmente é apócrifa.

Ouvi a história de que alguém perguntou a Barth se ele era universalista, e ele disse que era universalista com u minúsculo. Então, não sei se isso é verdade ou não, mas ele certamente se inclinou nessa direção porque tem uma visão muito forte da graça de Deus superando a pecaminosidade dos seres humanos. E a pecaminosidade não tem... Pecado e pecaminosidade não têm vida final. Vai morrer, enquanto a graça de Deus é para sempre.

Então, ele certamente se inclinou nessa direção, sem dúvida sobre isso. Ok, outra coisa. Ainda estamos em Jesus aqui, então não deixamos Jesus.

Eu não deixei Jesus Cristo por Barth. Outra coisa é, claro, Barth entra na Cristologia. Certo, e o que você acha... Adivinhe qual será sua maior passagem quando se trata de Cristologia.

Alguém quer adivinhar sobre isso? Diga de novo. É um bom palpite. Eu gosto disso, mas não tanto.

Sua maior passagem, você precisa anotar isso. Sua maior passagem quando lida com Cristologia, no que lhe diz respeito, a passagem acima de todas as passagens é Filipenses. Filipenses capítulo 1. Você poderia pegar todo o 1 até... Sinto muito, Filipenses capítulo 2. Você pode pegar todo o 1 até 11 coisas, mas ele se concentrou em começar no versículo 5. Então, no que lhe diz respeito, quando se trata de Cristologia... Então, ele vai entrar na discussão Cristológica.

Ele não vai fugir disso. Isso vem acontecendo desde o começo da... Desde a igreja primitiva, Jesus Cristo. No que lhe diz respeito, Jesus é totalmente Deus e totalmente humano ao mesmo tempo.

Então, ele é totalmente divino e totalmente humano ao mesmo tempo. Essas duas coisas são inseparáveis. Você não pode separar a humanidade completa da divindade completa... A humanidade completa de Jesus da divindade completa de Cristo.

E então, ele tem uma maneira adorável de descrever Filipenses 2:5 a 11. Então, vamos pegar o 5 primeiro. Tende entre vós o mesmo sentimento que tendes também em Cristo Jesus, que, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens.

E sendo encontrado em forma humana, ele se humilhou e foi obediente até a morte, e morte de cruz. Então, Filipenses 2:5 a 8 é o Senhor se tornando nosso servo. É assim que ele descreveu Filipenses 2:5 a 8. Essa é uma demonstração do Senhor se tornando nosso servo.

Mas não é aí que a Bíblia termina. Não é aí que a história termina em Filipenses. Então, o Senhor se tornou nosso servo.

Mas então, observe 9. Portanto, Deus o exaltou sobremaneira, concedeu-lhe o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai. Bem, Filipenses 2, 9 a 11 é o servo se tornando nosso Senhor. É uma bela maneira de lidar com a passagem de Filipenses, eu acho.

Esta foi a maior passagem cristológica que há na Bíblia, no que lhe diz respeito. É uma bela maneira de lidar com isso. O Senhor está se tornando nosso servo, e o servo está se tornando nosso Senhor, e é meio que um círculo para Barth.

O Senhor se tornou nosso servo, mas o servo se tornou nosso Senhor, e você continua andando em círculos. Você não pode separar essas duas coisas, a natureza humana e a divina. Então, ele não tem medo do argumento cristológico.

Ele chega bem no meio disso, como você esperaria. Não sei quanto tempo ele gasta nisso, talvez 300 ou 400 páginas ou algo assim, mas ele gasta muito tempo nisso. Ok, então esse é Jesus, e as duas passagens, o coração de tudo isso é João 1, 14, e então Cristologia, Filipenses 2:5 a 11.

Certo, vamos parar por aqui por um minuto. Algo sobre Jesus? Jesus, o Salvador sem pecado para Karl Barth. Algo sobre Jesus? Certo, então temos Deus, então temos nossa pecaminosidade, e então temos Deus rompendo nossa pecaminosidade na pessoa de Jesus Cristo.

Certo, então estamos todos prontos. Entendemos o tipo de argumento dele. Certo, o número cinco é a Escritura, a Bíblia.

Ele fala sobre a Bíblia. Na verdade, o primeiro volume é intitulado A Palavra de Deus, mas com isso ele quer dizer a Palavra de Deus, Cristo, mas também a Palavra de Deus que vem na Bíblia. Certo, então o que ele vai fazer com a Bíblia? Bem, o que ele vai... Rapaz, isso fica meio complicado, mas de qualquer forma, o que ele vai fazer com a Bíblia? Ele vai argumentar sobre a Bíblia analogamente.

Ele vai usar uma analogia com a Cristologia. Certo, então Jesus é totalmente humano e totalmente divino ao mesmo tempo. Essas duas coisas são inseparáveis.

No que lhe diz respeito, analogamente, ele argumenta a mesma coisa sobre a palavra escrita. Ele diz que a palavra escrita é totalmente humana e totalmente divina ao mesmo tempo. Então, é uma palavra totalmente divina para ele.

Esta é uma palavra de Deus para Karl Barth, mas também é uma palavra completamente humana para Karl Barth. Então é isso que é importante para Barth. Agora, você pode ou não concordar em ver a Bíblia dessa forma.

Estou apenas tentando explicar como Barth via a Bíblia, mas ele não via a Bíblia começando com a Bíblia e então chegava a alguma doutrina de Cristo. Ele tem uma doutrina de Cristo primeiro, e então é a partir dessa doutrina que ele desenvolve sua visão da Bíblia. O trabalho básico da Bíblia, no que lhe diz respeito, é dar testemunho de Cristo.

Esse é o trabalho básico. É para isso que o temos. É para dar testemunho de Cristo.

Quando o Espírito nos ajuda a entender que ele dá testemunho de Cristo, então estamos fazendo a coisa certa. O que Karl Barth está fazendo é conscientemente tomar um meio termo. Qual é o meio termo? O meio termo é que ele está tomando uma posição do liberalismo, que menosprezou a palavra de Deus.

Esta não é realmente a palavra de Deus, e é um tipo de livro humano. Você pode deduzir algumas coisas sobre Deus, talvez, e sobre Jesus neste livro, mas o liberalismo meio que negou a autoridade da palavra de Deus. Ele vê a Bíblia como muito mais importante do que isso.

Então, por um lado, o liberalismo. Mas, por outro lado, o fundamentalismo. Fundamentalismo, no que lhe diz respeito, fundamentalismo surgiu com uma visão da Bíblia, que ironicamente era mais alta do que a visão deles de Jesus.

Por causa da visão deles sobre Jesus, se eles estivessem corretos cristologicamente, a visão deles sobre Jesus deveria ser que ele é totalmente Deus e totalmente homem ao mesmo tempo. Essa deveria ser a visão deles. Se eles caírem em sua humanidade ou em sua divindade, então isso é cair em heresia.

A igreja já demonstrou isso. No entanto, a visão deles da Bíblia é que ela é unicamente divina. Não há humanidade alguma.

É unicamente divino. E então, no que diz respeito a Barth, eles têm uma espécie de Papa de papel aqui. Eles têm uma visão da escritura mais elevada do que a visão de Jesus.

E você não pode ter uma visão da Bíblia mais alta do que a visão de Jesus. Caso contrário, você está meio fora do centro aqui. Então, ele não gosta da noção liberal de que a Bíblia é apenas um livro geralmente bom, e você o lê.

Tem algumas coisas boas, mas ele não gosta da visão fundamentalista que coloca uma doutrina das escrituras acima da doutrina de Jesus. Então ele vai argumentar ambos os casos, e vai ficar no meio, no que lhe diz respeito. Então, tudo bem.

Agora, há duas coisas que resultam de sua visão das escrituras: a importância da pregação e a importância da proclamação. Qual é o trabalho de Barth na igreja? Qual é o trabalho principal da igreja? O trabalho principal da igreja é proclamar as boas novas do evangelho deste livro. Esse é o trabalho.

Então, pregar é central para Barth. O próprio Barth era um pregador, mas pregar é central. Proclamação do evangelho, é disso que se trata.

Então, ele é um bom protestante. Ele é um bom reformador, não é? Porque foi isso que os reformadores trouxeram, a pregação das escrituras, para a importância de... É isso que a igreja faz. Você vai pela Europa, e você entra em muitas... Se você for para a Escandinávia, por exemplo, você entra em muitas igrejas luteranas porque é tão predominante lá.

E eu adoro as estátuas nessas igrejas, muitas estátuas de Lutero nessas igrejas. Você notará que quando você vê a estátua de Lutero, você tem Lutero ali, e frequentemente, ele está apontando para a Bíblia. A estátua está apontando para a Bíblia.

Bem, isso é muito Reforma, muito Protestante, não é? Bem, Barth concordaria com isso porque a Bíblia e a pregação da Bíblia é uma das ramificações de uma visão elevada das escrituras. A segunda ramificação da visão elevada das escrituras é sua visão da revelação, sua visão do que é revelado. Certo.

No que diz respeito a Barth, a revelação de Deus na Bíblia e a divulgação que vem através das escrituras não vêm quando estudamos a Bíblia e quando usamos razoavelmente nossas mentes para entender a Bíblia. Não é quando a verdadeira revelação vem. Não é quando a verdadeira revelação acontece.

Certo. A verdadeira revelação vem quando deixamos a Bíblia nos estudar. A verdadeira revelação de Deus vem quando estudamos a Bíblia, não quando achamos que realmente vamos conhecer a Deus e a nós mesmos estudando a Bíblia.

A verdadeira revelação vem quando permitimos que a Bíblia nos estude. E então, Barth disse, o que realmente acontece é que não somos pesquisadores da Bíblia. Somos ouvintes da Bíblia.

Não chegamos à Bíblia, e não vamos obter a mensagem bíblica se pensarmos que a única mensagem bíblica é pesquisando a Bíblia. Só obteremos a mensagem bíblica quando nos tornarmos ouvintes da Bíblia. É por isso que a pregação é tão importante.

Agora, em algumas semanas, alguns de nós estaremos em uma conferência em Baltimore, Maryland, e muitas pessoas lá sentirão que, ao estudar a Bíblia, elas realmente entenderão o que é a revelação de Deus. Mas há muitas pessoas que estudam a Bíblia profissionalmente e muitas pessoas que ensinam a Bíblia profissionalmente que não são ouvintes da Bíblia. Elas não estão ouvindo o que a Bíblia tem a dizer a elas, sabe, ou à igreja.

Eles estão apenas pesquisando a Bíblia. É isso que eles fazem profissionalmente. Mas, você sabe, Barth realmente desafiaria isso porque, embora toda a pesquisa seja importante, todo o estudo é importante, a menos que você esteja ouvindo a Bíblia, você não está recebendo a revelação de Deus, sabe.

Então, sinto que um longo sermão está chegando, então vou parar por aqui, mas isso foi bem crítico para Barth, sobre o que é revelação. Então, ok, então Escritura. Agora vamos para Escritura.

Alguma pergunta sobre as Escrituras aqui? Tudo bem, você está bem? Vamos descer para o governo. Vamos para o governo aqui. Apenas algumas coisas sobre o governo e sobre o entendimento do relacionamento com a igreja e o estado, então.

Certo, você notará na passagem que lemos que Deus estabelece a igreja, é claro, mas Deus também estabelece governos. Então, Deus é o autor da igreja, mas Deus também é o autor de várias formas de governo. Certo, o que você tem que ter cuidado para Barth é que o cristianismo nunca pode ser misturado com nenhuma forma de governo.

Não há forma de governo para Barth que seja mais ou menos cristã. Há apenas formas de governo que Deus coloca, que Deus coloca, Deus coloca em operação, e tem certas responsabilidades. Mas o cristianismo nunca deve se conectar a nenhuma forma de governo.

Deus estabeleceu uma igreja. Deus estabeleceu o estado. Ok, então, portanto, temos que ter cuidado, e ele acreditava que todos os governos são, por natureza, obrigados ao pecado humano porque são administrados por seres humanos.

Então, por natureza, eles estão presos ao pecado humano. Portanto, cuidado, igreja, C maiúsculo, cuidado para não se conectar com nenhuma forma de governo, porque você estará se conectando com alguma forma de instituição pecaminosa. A igreja é o corpo de Cristo, e a noiva de Cristo não pode ser conectada a nenhuma forma de governo.

Então agora a questão é, por que ele se envolveu tanto em chamar o governo nazista? Se ele vai ser fiel ao seu princípio de que você não pode se conectar a nenhuma forma de governo, a igreja é estabelecida por esse Deus, e o governo é estabelecido por Deus; por que ele criticou o governo nazista? Agora, a outra questão é, por que Dietrich Bonhoeffer, que estudaremos mais tarde no curso, por que ele se envolveu em uma tentativa de matar Hitler? Ele estava muito mais envolvido do que Barth. Ele se envolveu em uma tentativa de matar Hitler. Por quê? O que fez essas pessoas, se elas fossem fiéis à sua própria teologia, igreja e estado, o que fez essas pessoas começarem a criticar e até mesmo Bonhoeffer se envolver em uma conspiração para matar Hitler? Bem, para encurtar a história, o que os levou a fazer isso foi que era óbvio que o governo que estava funcionando na Alemanha não foi ordenado por Deus.

Se tivesse sido ordenado por Deus, teria exemplificado as características que Deus quer que o governo mostre: compaixão, cuidado com os pobres e garantir que as pessoas não sejam violadas em suas próprias vidas. É para isso que o governo foi criado por Deus. Então, uma vez que ele começa a fazer o tipo de coisa que a Alemanha nazista estava fazendo, isto é, massacrar milhões de pessoas de uma só vez, isso não é mais o governo.

Não é o governo. É uma rebelião contra Deus. Então, você não tem um líder ou um governo aqui.

Você tem um não-líder, e você tem um governo falso aqui. Portanto, a igreja pode se posicionar como uma visão objetiva desse governo. A igreja pode se posicionar e olhar para esse governo e dizer que esse governo não é ordenado por Deus.

Então, não é um governo verdadeiro. Então, ninguém deve lealdade a esse governo. Então, é por isso que Bonhoeffer podia criticar o governo, e é por isso que Barth podia criticar o governo, e é por isso que Bonhoeffer eventualmente decidiu matar Hitler.

Tema a Deus, honre o imperador. A Escritura nos diz que no mundo ainda não redimido em que a igreja também existe; o estado tem, por nomeação divina, a tarefa de prover justiça e paz. É isso que o governo deve fazer.

A questão é: os nazistas estavam providenciando justiça e paz? Shalom, absolutamente não. Rejeitamos a falsa doutrina, e o estado, além de sua comissão especial, deveria e poderia se tornar a ordem única e totalitária da vida humana, cumprindo assim a vocação da igreja também. Então, o estado tentou se tornar a ordem única da vida das pessoas, e você não pode fazer isso porque está assumindo a vocação da igreja.

Então, há todo tipo de razão para poder dizer não aos nazistas, não há dúvidas sobre isso. Então, a Declaração de Barmen observa como a Declaração de Barman termina. A Declaração de Barmen diz que Jesus Cristo é a única palavra de Deus que devemos ouvir, confiar e obedecer.

Então, a Declaração de Barmen termina com a declaração de Jesus diante deste mundo em que essas pessoas viviam, o que era bem horrível, mas isso é governo. Ok, então, pano de fundo, transcendência de Deus, pecado, Jesus, escritura e governo. Há algo sobre isso com Karl Barth? Você entende por que ele era tão importante? Você entende como ele fez o pêndulo balançar de volta para a ortodoxia? Claro nisso.

Este é o Dr. Roger Green em seu curso de história da igreja, Reformation to the Present. Esta é a sessão 20, Protestantismo no Século XX, Karl Barth.